

## **O CONVIVER COM AS DIFERENÇAS NO CONTEXTO ESCOLAR: A DIVERSIDADE SEXUAL EM DISCURSIVIDADES DE DOCENTES**

Marluce Pereira da Silva (UFPB) [marlucepereira@uol.com.br](mailto:marlucepereira@uol.com.br)

Carmen Brunelli Moura (UnP) [carmenbm2014@hotmail.com](mailto:carmenbm2014@hotmail.com)

Elissandra M. C. de Brito (PROFLETRAS/UFPB) [elissbrito@hotmail.com](mailto:elissbrito@hotmail.com)

**RESUMO:** A diversidade sexual é uma questão relevante que está no centro das atenções de pesquisas realizadas tanto no campo da educação, como em outros relativos às ciências sociais e humanas. No Brasil, as questões relacionadas a orientação sexual foram materializadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) na forma do tema transversal, no volume 10, Pluralidade Cultural e orientação sexual a ser desenvolvido por todas as disciplinas e atividades pedagógicas da escola. O objetivo geral desta pesquisa é investigar os posicionamentos discursivos de professores(as) do município localizado na Paraíba, face as situações vivenciadas atinentes às questões de sexualidade no cotidiano escolar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, inserida na área de Linguística Aplicada, Moita Lopes (2006), Foucault (1988), Louro (1997), Bauman (2000), Orlandi (2003). Foram analisados os dados resultantes e por meio de roda de conversas. As análises das narrativas dos(as) educadores(as), participantes da investigação, demonstraram a necessidade de ações que proporcionem o con(viver) com a pluralidade cultural, em especial com as temáticas relacionadas à diversidade sexual na escola, apontaram para a dificuldade em lidar com essas questões no cotidiano da escola. O estudo representou um desafio na busca de ressignificar o olhar em favor da reinvenção da vida social.

**Palavras-chave:** Diversidade. Sexualidade. Discursividades.

### **INTRODUÇÃO**

Educar na diversidade constitui para todos nós um grande desafio, principalmente em se tratando de práticas discriminatórias a partir de ações e repertórios linguísticos cujos sentidos podem afetar e causar sofrimento à medida que reforçam estereótipos. O nosso desafio, particular e global, é pensar os mecanismos para a educação que promova a cidadania, a igualdade de direitos e o respeito à diversidade étnico-racial, etária e geracional, de gênero e orientação afetivo-sexual.

A pesquisa proposta teve como temática perscrutar o posicionamento discursivo de professores(as) de escolas públicas, mediante episódios que evidenciam a necessidade de adotar posturas políticas voltadas para a o educar na diversidade, desta forma, o nosso olhar se voltou para a diversidade sexual, notadamente, para as questões de orientação sexual no cotidiano escolar.

Os sujeitos da pesquisa são os professores, pois, partimos do princípio que toda ação educativa começa nos professores e deles partem as ações que movimentam o cotidiano da vida escolar dos seus alunos. A o professor/a cabe escolher entre reproduzir discursos e posturas de exclusão ou proporcionar formas de inclusão, promovendo o preparo para o exercício da cidadania, defendendo os direitos humanos, a dignidade, principalmente dos grupos socialmente vulneráveis e marginalizados.

O nosso encontro com o objeto de pesquisa aconteceu a partir da busca de compreender os dados que apontam o Brasil como um país em que o preconceito tem levado à morte muitas pessoas, dada a discriminação por cor, gênero e orientação sexual. Dados divulgados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2014, apresenta um panorama dos dez estados do Brasil mais perigosos para ser negro, homossexual ou mulher. Dentre estes estados, a Paraíba ocupa o 3º lugar como o mais perigoso para ser negro; 8º para ser mulher e 4º mais perigoso para ser homossexual. Os dados nos soaram alarmantes.

A partir desse panorama que mostra a grave realidade vivida por aqueles ditos diferentes, inquietamo-nos por compreender a dinâmica vivida pelos educadores em relação a temática e como, a partir de seus posicionamentos, a questão ganha forma no contexto escolar.

A escola precisa ser espaço de inclusão em que os jovens possam falar sobre sua sexualidade, receber informações para se conhecer e se constituir como sujeitos reflexivos, no que entendemos como Moita Lopes (2002, p. 91), desenvolvendo as ideias de Foucault, “[...] as escolas, por exemplo, determinam em grande parte não somente o que as pessoas fazem como também quem são, serão, e podem ser”. Destarte, as escolas são lugares democráticos, é essencial que haja oportunidades para que seus atores possam ensaiar novas formas de subjetividades.

## PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa utilizou ferramentas conceituais dos Estudos Culturais, de teorizações foucaultianas e da Análise do Discurso francesa. Para tanto, consideramos relevantes as contribuições de pensadores como Foucault (1985, 1988, 1995), Orlandi (2002, 2003), Louro (1999), Moita Lopes (1994, 2006).

A partir da compreensão de que o caminho investigativo implica questões práticas e descrição de discursos que se constituem no contexto social, essa pesquisa é caracterizada pela recusa da existência de uma neutralidade dos pesquisadores e pelo descaso em relação aos problemas sociais que, normalmente, são relegados a um segundo plano.

A tarefa dessa investigação foi propiciar a visibilidade das posturas políticas desses(as) educadores(as) por meio da análise do que dizem, como dizem e por que dizem, na tentativa de produzir uma análise conceitual e não factual do discurso (FOUCAULT, 1999). Para isso, cruzamos a análise discursiva dos questionários e da roda de conversa realizadas junto aos(as) profissionais que evidenciem as temáticas delineadas para o processo investigativo.

Como nosso interesse foi saber o que dizem os(as) docentes a respeito da diversidade sexual e também como dizem e reconhecem a urgência de tais temas para a concretização da cidadania, compreensão e interpretação da realidade e desenvolvimento de um trabalho que invista na superação da discriminação e imposição de valores e verdades, foi imperativo a escuta discursiva (FOUCAULT, 2004) das histórias narradas por esses(as) colaboradores, para delas apreender a produção de sentidos.

Para a coleta de dados foi utilizada a roda de conversa, que de acordo com Mélo *et al.* (2007), as rodas de conversa priorizam discussões em torno de uma temática (selecionada de acordo com os objetivos da pesquisa) e, no processo dialógico, as pessoas podem apresentar suas elaborações, mesmo contraditórias, sendo que cada pessoa instiga a outra a falar, sendo possível se posicionar e ouvir o posicionamento do outro. Destarte, ao mesmo tempo em que as pessoas falam suas histórias, buscam compreendê-las por meio do exercício do pensar compartilhado, o qual possibilita a significação dos acontecimentos.

O contexto da pesquisa foram três escolas públicas de Ensino Fundamental, situadas no Município de Itapororoca, que apresentam características comuns, no que diz respeito à estrutura física e organizacional e integram a rede municipal de ensino, que é gerida pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

O município de Itapororoca está localizado na microrregião do litoral norte do Estado da Paraíba, possui uma área de 146 km<sup>2</sup>, distante 69 km da capital João Pessoa. Dados do Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população de Itapororoca era composta por 16.997 habitantes, sendo 8.437 mulheres e 8.560 homens; para 2014, a estimativa da população foi de 18.129 habitantes; a zona urbana concentrava a maior parte da população, com 10.856 habitantes, e a zona rural possuía 6.141 habitantes (BRASIL, 2015).

Sobre os sujeitos deste estudo, foram 07 (sete) professores e professoras, participantes da roda de conversa que tiveram suas enunciações selecionadas para a análise empírica. Devido aos princípios éticos seguidos neste trabalho não citaremos seus nomes, optamos por pseudonominá-los por pedras preciosas, numa metáfora conformativa com a educação, em qualquer tempo, sobre muitas e variadas óticas, eles representam, no processo de lapidação, a pedra que saiu do estado bruto e, lapidada, oferece sua luz ao mundo, ao outro. No processo educacional o professor possui a luz do conhecimento.

## **O SUJEITO E SUA CONDIÇÃO SOCIAL**

Para a Análise do Discurso, a concepção de sujeito corresponde à ideia de que ele é constituído no discurso, se processa simultaneamente através da figura da interpelação ideológica, isto é, ele não se constitui como origem ou causa em si mesmo. Para ela, o centro da relação não está nem no eu nem no tu, mas no espaço discursivo criado entre ambos. O sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro. (BRANDÃO, 2002).

Análise do Discurso compreende a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história que se dá pela mediação, “essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive”. (ORLANDI, 2002, p. 15).

No mesmo sentido, Brandão (2002) concebe a linguagem como elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade. Preleciona que a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. E, portanto, seu estudo não pode estar desvinculado de suas condições de produção.

Portanto, o traço mais característico do discurso é sua natureza social na medida em que: (a) como seres humanos usamos a linguagem em relação a nós, isto é, o discurso tem uma natureza dialógica; e (b) construímos o mundo e as pessoas nas circunstâncias culturais, institucionais e históricas nas quais estamos situados, isto é, o discurso tem uma natureza sócio-construcionista. (BAKHTIN, 1981 *apud* MOITA LOPES, 2002, p. 93).

O grande desafio da educação contemporânea é promover uma educação calcada na necessidade de ouvir as vozes dos que estão às margens para produzir alternativas sociais, que contribuam com uma “sociedade mais humana, mais delicada com a natureza e com as pessoas” (MUSHAKOJI *apud* MOITA LOPES, 2006, p. 86). Buscamos, compreender, então, através das narrativas dos professores/as como o gênero e como a sexualidade e percebida e em que condição ganha forma no contexto escolar.

A sexualidade é inerente ao ser humano e esta condição está presente nas vivências do ser, é indissociável, acompanha-o onde quer que vá, no que quer que faça. Assim, ela não pode estar ausente do espaço escolar. Negar a existência dessa temática na escola é negar ao educando, à educanda o direito à uma educação emancipadora em direitos humanos, à uma educação voltada para a cidadania. A educação, nesse cenário, tanto ou mais em relação a outros tempos históricos, assume o papel fundamental de criar alternativas para qualificar e formar educandos pensantes e críticos, adequados a dinâmica que a nova ordem social impõe.

## **ANÁLISE DAS NARRATIVAS**

Para efeito de análise, consideramos categorias discursivas para melhor elucidar o detalhamento dos efeitos de sentidos gerados nas rodas de conversas. Dessa forma, as discursividades foram distribuídas nas seguintes categorias: (1ª) Social (2ª) gênero e sexualidade; (3ª) interdiscurso religioso; (4ª) relação família-escola; e (5ª) formação docente. Adotaremos como fundamento, prioritariamente, as concepções de Louro, Moita Lopes e Foucault para embasarmos as análises das discursividades.

Quanto ao aspecto social, observamos que os professores Opala e Citrino partilham discursivamente quanto à discriminação em relação ao homossexual ter ligação direta com a classe social, disposição de valores, não apenas morais, religiosos, mas, também econômicos. Professor Opala comenta:

[...] Tem a questão da sociedade rotular, porque o filho do pobre é viado, é boiola, é tudo isso, o filho do rico é o doentinho, fulano é doente [...]. Professor Citrino corrobora: [...] eu tenho dados estatísticos, eu creio que absurdo, a quantidade de jovens e adultos que não conseguem chegar a universidade, não terminam nem o médio, eles não estudam, os homossexuais, boa parte, acho que uma há uma carga de preconceito muito grande, que eles acabam desistindo, evadindo. É comum demais, na universidade não tem quase, no médio não chegam não. Eu falei para um desses meninos [...] Olhe, você tá preparado para enfrentar a sociedade? Ela é dura, ela é difícil, ela não compreende, e mais ainda tu tens que mostrar a sociedade que tu é um ser humano pensante, um ser humano de bem, e tu tem como mostrar isso estudando, não tem outra forma, para se impor. Do contrário é o veadinho, é o gayzinho quando é pobre, quando ele tem uma condição melhor ele passa a ser visto de outra forma, o preconceito maior ainda é social, econômico, é bem maior que o preconceito com essa questão [...]

É a partir das articulações gerenciadas nas relações sociais que se engendram discursos da discriminação, os mecanismos linguísticos como “viadinho”, “gayzinho” se revestem de efeitos de sentidos com conotações pejorativas, que diminuem, sequelam, excluem e ferem as construções identitárias do outro.

Práticas discursivas que constroem sentidos acerca da importância do poder aquisitivo, revestem os enunciados: “filho do pobre é o “viado”, “o filho do rico é o doentinho”, “o homossexual pobre evade, o homossexual rico chega a universidade.” É primordial para pessoas com nível socioeconômico privilegiado a utilização de itens lexicais distintos. A distinção lexical figura como respeito. Sentidos produzidos em interdiscursividades arraigadas em uma historicidade pautada em valores binários, pobre/rico, negro/branco, aceitos/excluídos. Os discursos são frutos do contexto histórico, dessas relações: poderosos versus dominados.

A categoria gênero e sexualidade evidencia a dificuldade de distinguir discursivamente as identidades e como o comportamento é decisivo para marcar as diferenças. Os discursos dos professores constroem sentidos acerca das incertezas e a dualidade que elaboram visões de uma interdiscursividade mais tradicional a uma visão mais aberta em torno de cores e estilo da roupa, pintura de cabelo utilizadas, que revelam a orientação sexual dizem ou constroem a sexualidade da criança.

Nesse sentido, atentamos para a fala do professor Citrino:

[...] hoje em dia é muito difícil você definir quem é homossexual ou quem não é, porque se você for considerar a cor do cabelo que, se tá pintado ou não, as luzes, o brinco, a calça justa, o sapato colorido, é difícil e já vem a carga de preconceito, a cor rosa que é usada [...]

As representações de gênero que consiste na compreensão das diferenças corporais e sexuais que culturalmente se cria na sociedade, ideias e valores sobre o que é ser homem ou mulher, estão diretamente relacionadas às forma como as pessoas concebem os diferentes papéis sociais e comportamentais relacionados aos homens e às mulheres, estabelecendo padrões fixos daquilo que é “próprio” para o feminino bem como para o masculino, de forma a reproduzir regras como se fosse um comportamento natural do ser humano, originando condutas e modos únicos de se viver sua natureza sexual.

A este respeito Louro(1997) preleciona que:

Teremos de ser capazes de um olhar mais aberto, de uma problematização mais ampla (e também mais complexa), uma problematização que terá de lidar necessariamente, com as múltiplas e complicadas combinações de gênero, sexualidade, classe, raça, etnia. Se essas dimensões estão presentes em todos os arranjos escolares, se estamos nós próprias(os) envolvidas(os) nesses arranjos, não há como negar que essa é uma tarefa difícil. Trata-se de pôr em questão relações de poder que compartilhamos, relações nas quais estamos enredadas(os) e que portanto, também nos dizem respeito. (LOURO, 1997, p. 64-65)

Professor Opala assinala em seus enunciados o dilema vivido pelo aluno, que vagueia entre um polo e outro, na incerteza da identidade sexual ou pelo receio de enfrentar a realidade:

Mas veja, uma pessoa que tem numa faixa etária de 13 a 17 anos, um dia chega de homem, no outro chega de mulher na escola, todo pintado, todo de vermelho, parecendo uma “pomba-gira”... Fica difícil...tem que ter preparação para encarar.

Em outro momento, Opala discorre:

[...] tinha um “Romeo”, (*alusão a Romeo, apresentado na reportagem da revista Nova Escola que serviu de introdução à discussão da roda de conversa*) porque ele fazia questão de ir com uma “gladiadora”, é? Aquela sandália de mulher? E colocava uma roupinha, você sabe né? Então eu cheguei até mesmo a conversar com ele: Veja só, você está preparado para enfrentar a sociedade? Porque, assim, você vê, até a própria escola, a própria escola tem aquele preconceito com... A própria escola tem preconceito com esse tipo de ... a própria escola quer expulsá-lo, é. Na verdade, se você quer assistir aula, você pode ficar à vontade no seu canto, que ninguém vai mexer com você. Agora, se você quer aparecer... vai ficar difícil. Você está preparado pra isso?

Na primeira fala do professor Opala, apreendemos sentidos relacionados à questão de gênero, pontuada no aspecto: “um dia vem de homem, outro de mulher”, as posições discursivas evidenciadas pelas fala do professor indicam que ele tem receio de que o

comportamento adotado pelo aluno traga problemas, pois o professor percebe que o aluno não tem a maturidade necessária para lidar com as situações concernentes ao preconceito, ao sexismo, desta forma, na segunda fala, o professor conclui sua posição questionando: “Você está preparado para enfrentar a sociedade?”.

O fato de o professor comparar o comportamento do aluno à entidade religiosa do candomblé expressa sentidos de que o aluno possui um comportamento apelativo, excêntrico, extravagante, esquisito, de difícil aceitação no meio em que vive. Prática não natural, considerada problemática, que causa insegurança para professor e para o aluno, compreendida discursivamente como não aconselhada. Segundo Louro (1997), nós educadores e educadoras nos sentimos pouco à vontade quando somos confrontados com as ideias de incertezas, preferimos contar com referências seguras, direções claras e inequívocas, no nosso agir pedagógico.

Menino, parecer a “Pomba-gira”, vestir a “roupinha”, usa a “gladiadora”, subverte as certezas, assusta, foge a centralidade, esse sujeito é o excêntrico. Mas o que deve ser questionado, nesse contexto? A subjetividades atribuídas? A formação discursiva? A formação ideológica? Louro (1997) responde que muito mais que o sujeito o que deve ser questionado é toda uma noção de cultura, ciência, arte, ética, estética, educação que associa as identidades a partir de perfil normatizado por um padrão do homem branco ocidental, heterossexual e de classe média. Uma cultura esvaziada dessa visão homogênea de identidade, de sujeitos e de sociedade:

“Novas” identidades culturais obrigam a reconhecer que a cultura, longe de ser homogênea e monolítica, é, de fato, complexa, múltipla, desarmoniosa, descontínua. Muitos afirmam, com evidente desconforto, que essas novas identidades “ex-cêntricas” passaram não só a ganhar importância nestes tempos pós-modernos, como, mais do que isso, passaram a se constituir no novo centro das atenções. Não há como negar que um outro movimento político e teórico se pôs em ação, e nele as noções de centro, de margem e de fronteira passaram a ser questionadas. É preciso, no entanto, evitar o reducionismo teórico e político que apenas transforma as margens em um novo centro. (LOURO, 2010, p. 42-43).

Na terceira categoria, aparece o interdiscurso religioso, a sexualidade em conflito com a religião, observamos os discursos do professor Citrino e da professora Ametista, em posições antagônicas, no tocante a posicionamentos discursivos:

Professor Citrino:



Eu debatia em sala de aula, frisava, e daí? Por que? Ele não pode ser homossexual? Eu jogava mesmo assim em sala de aula. Por que não? O que é tem a ver? Ele é um ser humano igual a você, é filho do mesmo Deus.

O professor, em seus enunciados, prega o discurso da igualdade religiosa, porém implicitamente, em seu discurso denota-se a defesa da liberdade de ser diferente, de ser livre para conduzir suas escolhas e que o aluno deve ser respeitado quanto a elas. É visível como os saberes religiosos são utilizados, para ampliar a persuasão em sala de aula.

A professora Ametista se posiciona discursivamente contrária à prática homossexual, por contrariar os princípios bíblicos e religiosos que ela segue:

[...] Eu como professora, eu aceito, assim... como o pessoal chama tanto o gay como o sapatão, mas assim no meu lado espiritual, você tá entendendo? Perante o meu lado bíblico, eu sei que isso é um pecado, Deus criou o homem e a mulher...você tá entendendo? Eu acho assim que hoje, como profissional eu não posso colocar o meu lado religioso dentro da minha profissão, você tá entendendo?

Em outro momento ela, enfatiza:

Deus não criou o homem e a mulher? Se você for... Eu não sou muito apegada assim, mas se você for em versículos da bíblia, tem essa parte de condenação disso aí. Mas do meu lado profissional eu respeito, eu aceito e até ajudo, eu tenho pessoas que são homossexual e são amigos meus, que trabalham junto comigo e eu não tenho nenhum problema com isso. Você tá entendendo? Até porque eu vivo dentro de uma família que é uma ecumênica, é católico, é evangélico, tem espírita e nós nos damos super bem.

Verificamos a presença da formação discursiva cristã da professora, os enunciados por ela utilizados mostram as constantes posições, os recursos linguísticos que traduzem situações de conflito entre o bem e o mal, o certo e o errado, o proibido e o liberado, o pecado e a salvação, com que o sujeito se depara no cotidiano, e ela enquanto educadora se vê em condição conflituosa, “*pelo lado espiritual é pecado, pelo lado profissional eu aceito*”, posição dúbia e que dificulta o trabalho com as questões referentes a sexualidade.

Para a maioria das religiões cristãs, sexo sem pecado só aquele dentro do matrimônio e com a finalidade de procriação, o sexo constitui em pecado fora desse entendimento, assim a homossexualidade fere os princípios provenientes de interdiscursos característicos da formação cristã que prega obediência, castidade e o sexo com o objetivo primordial de procriação e não como fonte de prazer.

A forma de obter perdão, em vida, pelas práticas que fugissem a essa regra, somente através da confissão, que, por muito tempo permanecera ligada ao ato sacramental, como

prática da penitência, firmando-se como um dos lugares da revelação da sexualidade. Dessa forma, a sexualidade ampliou espaços e penetrou, gradativamente, em outros campos como o da pedagogia, da psicologia e toma outros contornos: “[...] difundiu-se, foi utilizada em toda uma série de relações: crianças e pais, alunos e pedagogos, doentes e psiquiatras, delinquentes e peritos” (FOUCAULT, 1988, p. 62). Desde então, a partir desses campos disciplinares, a sexualidade tem sido descrita e normatizada.

Na quarta categoria, que denominamos relação família/escola, observamos a confluência de vozes discursivas que remetem para importância dessas instituições realizarem suas práticas em consonância com práticas discursivas cujos sentidos expressam posições e para que os jovens reflitam sobre sua sexualidade, bem informados e apoiados na sua opção sexual.

Verificamos a fala do professor Citrino:

Vieram três alunos, duas meninas e um menino, falar comigo sobre essa questão: Professor me ajude, eu descobri que eu gosto de menina. Eu gosto de menino E aí? Eu fiquei...O que dizer? O que falar? Aí vem uma carga horária muito grande, a gente não tem tempo para falar com outro professor, com alunos, isso passou quase um mês, para poder chegar o momento de chamar eles um a um pra conversar. E o depoimento deles, assim: professor e aí? Eu descobri o que eu sou, o senhor fala com a minha mãe? Todo mundo sabe, minha mãe não sabe ainda. Meu pai sabe, desconfia, mas não quer aceitar. E aí? Você fala com ela? Essa abertura tem que haver, né? Do professor para com o aluno, da escola para com o aluno e esse espaço de diálogo de ouvir, né? Que pena a gente não tem tempo para ouvir nossos alunos. Não só sobre a sexualidade, mas em todos... Experiência da vida cotidiana que eles querem contar, querem falar com a gente, mas a gente não tem tempo para ouvir.

Em outro momento, Citrino coloca:

Muitas vezes a gente percebe o seguinte, que o pai desistiu dele, a mãe, a vó, a tia... eles só têm a gente como professor e a gente vai desistir dele também? Antes de ser homossexual, antes de ter qualquer opção assim, é um ser humano é responsabilidade formar cidadão, independente da sua sexualidade para que ele respeite e seja respeitado.

As falas evidenciam a importância da família, denotada pelos alunos em diálogo realizado com Citrino e por ele reconhecida, bem como evidencia o papel do docente, nesse processo como figura detentora de confiança, de credibilidade, para exercer a função de orientar, apoiar, em lacunas deixadas pela família. O professor exerce um papel importante como mediador dos afetos, crenças e valores dos alunos. No pedido de ajuda para revelar para seus pais a opção sexual, mesmo essa tarefa fugindo as prerrogativas inerentes ao

professor, Citrino vê-se sensibilizado para ajudar, no entanto, precisa encontrar os meios e a maneira apropriada para fazê-lo.

Ao indagar: “E a gente vai desistir dele também?”, o enunciado revela a tomada de posição do docente frente a situação, pois as mediações estabelecidas pelos docentes envolvem a (re)constituição das identidades dos alunos, contribui em seus comportamentos sexuais, e em muitos casos ressocializa, reintegra a dignidade e redireciona para vida.

Ao trazer para si a responsabilidade de educar a partir das formulações e conveniências próprias de um ente familiar, embora não se aperceba, evoca para si, a problemática que diz respeito ao outro, mas que o constitui enquanto educador, enquanto pessoa humana, solidária e fraterna, no seu dever de formar para cidadania. Essas possibilidades enunciativas nos permitem compreender que é possível construir novas sociabilidades. E a educação é mola propulsora da reinvenção das realidades sociais.

Devemos lembrar, nesse contexto, das formulações de Foucault sobre a família que, no século XVIII, se tornou um lugar obrigatório de afetos, de sentimentos, de amor. O filósofo fala, ainda, de uma “família reorganizada, com laços mais estreitos, intensificada com relação às antigas funções que exercia no dispositivo de aliança [...] a família é o cristal no dispositivo de sexualidade: parece difundir uma sexualidade que de fato reflete e difrata”, (FOUCAULT, 1988, p. 105). É essa a família, a base sobre qual se incluem as demais instituições e não o contrário, ela é uma das instituições exemplares do exercício do disciplinamento moderno em relação à sexualidade, que implicitamente os discursos dos docentes se referem.

Mas, e a escola? O professor Safira enuncia:

A escola, pelo lado pedagógico, pelos nossos comentários, sabe que existe, né? E sabe que o problema atrapalha, o problema que eu falo é o não reconhecimento, é de não aceitar que o aluno faça isso, atrapalha o desempenho educacional do aluno no seu dia a dia, em sala de aula.

Em outra enunciação, safira coloca:

O problema do preconceito, não é o reconhecimento da sexualidade, nós professores, a gente sabe que existe. Não existe na escola? E sabemos que a escola aumenta esse problema quando não pratica isso no dia a dia, não trabalha, nem em projetos, nem em disciplina, ou seja, não faz a inclusão. Então se não faz a inclusão, automaticamente está fazendo a exclusão, não é verdade? Então se o problema existe desse preconceito, então a gente sabe disso, chegamos a um denominador comum, que a sexualidade, [...] precisa ser aplicado ou por projeto, bimestralmente, ou com uma disciplina, mas tem

que existir, porque do jeito que está, professor de matemática, de língua portuguesa, geografia, ter a função de tratar essa questão em sala de aula não dá tempo.

A professora Ágata, discorre: *“E mais, porque a própria escola não está, muitas vezes, preparada para receber, para lidar com essa situação.”*

Para Louro (1997),

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processo de avaliação são, seguramente, loci das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores. (LOURO, 1997, p.64)

E a autoria continua afirmando que:

Todas essas dimensões precisam, pois, ser colocadas em questão. É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo que ensinamos e que sentidos nossos(as) alunos(as) dão ao que aprendem. Atrevidamente é preciso, também, problematizar as teorias que orientam nosso trabalho (incluindo, aqui, até mesmo aquelas teorias consideradas “críticas”). Temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui. (LOURO, 1997, p. 64).

Dessa forma, iniciar esses questionamentos pelo currículo significa um grande avanço, pois ele é visto como uma outra arena das práticas sociais, que deve abarcar a posicionamento já defendido pelos docentes para que discurso e prática estejam em sintonia, otimizando o tempo das disciplinas e cedendo ao imperativo dos novos tempos: trazer as margens para o centro das discussões. Para Tomás Tadeu da Silva (1996), o currículo pode ser visto como:

[...] um discurso que, ao corporificar narrativas particulares sobre o indivíduo e a sociedade, nos constitui como sujeitos – e sujeitos também muito particulares. Pode-se dizer, assim, que o currículo não está envolvido num processo de transmissão ou de revelação, mas num processo de constituição e de posicionamento: de constituição do indivíduo como um sujeito de um determinado tipo e de seu múltiplo posicionamento no interior das diversas divisões sociais. (SILVA, 1996, p. 195).

Na quinta categoria, apresentamos as discussões concernentes à formação do professor, as discursividades dos professores evidenciaram a necessidade de novos deslocamentos, de novas tomadas de posições frente a sexualidade e sua aplicação em sala de aula, para tanto é indispensável que haja qualificação, de acordo com o professor Safira: O Nordeste, em termo de Paraíba, eu acho que falta a questão da qualificação de muitos

profissionais, eu tenho participado de alguns cursos de extensão na UEPB, sobre gênero e sexualidade e realmente nós sabemos que falta a questão do interesse em conhecer mais sobre o assunto, porque quando você conhece mais, você melhora [...].

A narrativa do professor é em defesa da formação para os docentes, entendendo que só assim haverá uma mudança de comportamento, de mentalidade para se trabalhar a temática em sala de aula, porque são questões novas, são questões velhas, na verdade, mas que vieram à tona a pouco tempo, enfatiza.

Safira e Citrino resumem discursivamente a importância de preparar o professor para esses novos desafios, ele é o mediador, é ele que concretiza as ações e as propostas que as diversas esferas de poder institui. É em suas mãos que está o poder de semear às mentalidades juvenis os modelos ideais de práticas que circulam ou circularão em diferentes esferas sociais na atualidade e futuramente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com este estudo, buscamos investigar os posicionamentos discursivos de professores(as) do município de Itapororoca, sobre as questões relacionadas a diversidade sexual. Após serem problematizadas concepções de estudos sobre a diversidade no espaço escolar a pesquisa concluiu que a maior dificuldade dos professores é trabalhar em sala de aula as questões relacionadas a sexualidade e gênero, por diversas razões.

As narrativas dos educadores foram perpassadas por efeitos de sentidos embasados em discursividades que denunciam a falta de qualificação para abordar a temática, receio de uma má interpretação por parte da família, pouca abertura da escola para lidar com a temática e conteúdos regulares extensos. Em síntese, falta tempo, falta condições, falta conhecimento.

Em muitas narrativas sobram as evidências de que o assunto é silenciado na escola, quando abordado é somente, só, sobre prisma da saúde sexual, em forma de palestra por profissionais da saúde. Os narradores destacaram as dificuldades apresentadas para tratar de temas relacionados com matrizes identitárias, em particular as discursividades sobre o universo da sexualidade. No entanto, são conscientes de suas posições de mediadores, e do quanto podem contribuir para efetivar nas escolas ações para que as práticas discursivas da escola sejam modificadas, dando espaço para a inserção das diferenças socioculturais nos seus currículos e em todas as atividades pedagógicas por ela realizadas.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Unicamp, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997. v. 2.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. Michel Foucault. **Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1995.

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, p. 41-52, 2010.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MOITA LOPES, L.C. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução**. DELTA, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

\_\_\_\_\_. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

NOVA ESCOLA. Vamos falar sobre ele? Como lidar com um aluno que se veste assim? Uma reflexão sobre sexualidade e gênero. São Paulo: Abril, ano 30, n. 279, fev. 2015. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/edicoes-impresas/revista-nova-escola-indice-fevereiro-2015-834500.shtml>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Gesto de leitura: da história ao discurso**. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política**. Petrópolis: Vozes, 1996.